



A IDENTIDADE DO NEGRO E A QUESTÃO DAS COTAS RACIAIS NA MÍDIA BRASILEIRA¹

Giovani Vieira Miranda²
Millena Grigoleti da Silva³
Paula Pinto Monezzi⁴

Resumo

Foi aprovada no dia 29 de agosto de 2012 a Lei das Cotas, que prevê que 50% das vagas de faculdades e instituições de ensino superior federais seja reservada para estudantes de rede pública de ensino e autodeclarados negros. Apesar de um avanço, essa não é necessariamente uma vitória dos negros, dos indígenas ou dos mestiços. Na educação brasileira e na sociedade de um modo geral, de acordo com dados estatísticos aqui apresentados, as duas principais etnias escravizadas pelos portugueses e que deram origem a população colonial brasileira, continuam a ser marginalizadas e a ter acesso a menos oportunidades sociais. A mídia se apresenta como um dos principais reprodutores dessa lógica. O artigo buscará avaliar essa questão, analisando o comportamento midiático em relação ao negro e às políticas de inclusão, especificamente as cotas raciais.

Palavras-chave: Bauru; comunicação; cotas; mídia; negro.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo promover o debate a respeito da ação da mídia brasileira em relação à identidade do negro brasileiro em meio às discussões de políticas de inclusão nas Universidades Federais. Por meio de dados estatísticos e uma análise qualitativa, será traçado o atual perfil da população negra no país nos aspectos socioeconômicos e, principalmente, educacionais. Para retratar a questão das cotas, vamos retratar o negro brasileiro tendo em observância, prioritariamente, a teoria da

¹ Trabalho desenvolvido na Disciplina de História da Comunicação, ministrada no ano de 2012, pela professora Dra. Maria Cristina Gobbi.

² Estudante do 7º termo de Comunicação Social-Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Coordenador Discente do Grupo PET do curso de Rádio e TV e bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp). Email: giovanimiranda@gmail.com

³ Estudante do 7º termo de Comunicação Social-Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Email: millenagrigoleti@gmail.com

⁴ Estudante do 7º termo de Comunicação Social-Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Email: paulamonezzi@hotmail.com



representação social; a representatividade das minorias discutida por Stuart Hall; e também a “questão do patrimônio da pele” de Milton Santos e Muniz Sodré. Para falar sobre como o negro é representado, analisaremos como ele aparece na mídia e como essa representação foi pautada nos meios de comunicação após a aprovação da Lei de Cotas pelo Governo Federal. Para efeito de análise, observamos as notícias, editoriais e colunas de dois veículos impressos da cidade de Bauru: o Jornal da Cidade e Jornal Bom Dia, da Rede Bom Dia.

Presença do negro na mídia

Sodré (1999) utiliza o termo "síndrome de vampiro" para denominar o fato de os negros, de um modo geral, não conseguirem enxergar sua imagem no espelho da mídia. Para o professor, uma análise das propagandas, produções cinematográficas e, principalmente, da TV pode comprovar esse panorama. Ele ainda reforça que mídia exerce um importante papel para a criação de imagens e estereótipos, processo que visualiza como um “signo presente de um passado ausente” Esse signo é entendido como “um conector histórico, uma espécie de fio intergeracional que preserva os valores éticos de um passado pronto a ser narrado” (SODRÉ, 1999, p.118). Nesse ínterim, D’Adesky (2001) não consegue visualizar um esforço da mídia para reverter esse panorama:

A mídia não somente atualiza a distância que separava, na escravidão, a elite do povo, mas nega, com seu exclusivismo, as identidades culturais afro-brasileira e indígena, as quais não têm acesso, em pé de igualdade, às programações televisiva e radiofônica (D’ADESKY, 2001, p. 93-94).

D’Adesky (2001) considera que existe uma tentativa sistemática da elite brasileira de deixar negros e índios distantes dos meios de comunicação. O padrão eurocêntrico é dominante na mídia brasileira e os negros ainda são retratados de forma estereotipada e em papéis secundários. Em plena década de 60, por exemplo, na novela “A Cabana do Pai Tomás”, produzida pela rede Globo, apesar de haver atores negros, foi colocado um ator branco pintado para representar o papel de negro. Araújo (2006) reitera que “o enfoque racial da televisão brasileira é resultado da incorporação do mito da democracia racial brasileira, da ideologia do branqueamento e do desejo de euro-norte-americanização de suas elites”. Araújo ainda frisa que a imagem negativa do negro é uma questão histórica e cultural e “após a abolição, os negros foram jogados para fora do mercado de trabalho e passaram de escravos para desempregados, ociosos,



inferiores. Nossa cultura construiu o negro numa condição submissa" (ARAÚJO, 2006, p. 53)

A década de 1930 foi marcada por reivindicações dos que lutavam para que assuntos de seu interesse fossem abordados na mídia e para que termos preconceituosos fossem dispensados dos textos jornalísticos. Nesse período, e nas décadas seguintes, o negro está presente na mídia com sua imagem comumente ligada à força muscular como em esportes, principalmente o futebol, à música, caso do samba, e a crimes, frequentemente nas páginas da seção policial. Antes disso, a presença dos negros nos jornais era um modo de legitimar a escravidão. Nas décadas de 60 e 70, com a ditadura militar e a repressão à imprensa e aos movimentos sociais, a cobertura das questões raciais pela imprensa se tornou ainda mais deficitária e mostrar questões raciais na grande mídia significava era visto como uma forma de afirmação dos problemas que existiam.

Para Felipe Rodrigues Echevaria e Veronice Mastella da Silva, “a telenovela, considerada como produto da indústria cultural do Brasil mais divulgado no exterior, é também, sob o prisma de estudiosos da comunicação e de outras áreas do saber, uma forma de representação que revela características socioculturais do país”. (ECHEVARIA & SILVA, 2012, p. 1). Os autores dizem que misturando realidade e melodrama, as telenovelas garantem que os telespectadores se fascinem pelas histórias. No que tange à população negra, no entanto, há questionamentos sobre como ela tem sido representada nas tramas.

Araújo (2001) descreve que na década de 60 os poucos atores negros que fizeram parte do elenco das novelas na Rede Tupi ou na Rede Globo representavam escravos, "malandros" ou profissionais com baixo prestígio social, como empregadas domésticas ou motoristas. Na década de 70, o número de atores negros começou a aumentar, processo continuado nos anos seguintes. Nos anos da redemocratização, na década de 80, a imprensa passou a mudar sua postura. Livre da censura da ditadura, a mídia assumiu um caráter denunciativo e o negro ganhou novos espaços. Tornaram-se comuns matérias que mostravam casos isolados de preconceito por racismo no mercado de trabalho, em lugares públicos, em condomínios fechados, em escolas, além de denúncia de violência contra negros:

A imprensa estava confusa naquele momento. Ao mesmo tempo em que noticiava atitudes que iam contra o movimento mundial para o fim



do racismo, usava termos que faziam alusão negativa aos negros e a todos aqueles que, de alguma forma, ousavam apoiar as suas ações (ARAÚJO, 2001, p. 73)

O ano de 1988 foi marcado por movimentações sociais resultantes do movimento negro e que eram noticiados pelos diversos tipos de mídia. No Brasil era comemorado o centenário da abolição da escravatura, a Campanha da Fraternidade tinha como tema o combate ao racismo e a vencedora do carnaval carioca foi a escola de samba Vila Isabel, que falou do movimento negro, além de todo um movimento internacional liderado pela ONU para o fim do *Apartheid* na África do Sul. Nesse ano, a promulgação da nova Constituição brasileira passou a considerar o racismo como crime, o que foi regulamentado no ano seguinte, pela Lei 7.716 (Lei Caó), do deputado negro Carlos Alberto Caó.

Em 1996, entrava no ar pela Rede Manchete a primeira novela brasileira protagonizada por uma atriz negra. Taís Araújo dava vida à Xica, na novela “Xica da Silva”. A personagem principal era escrava e sabendo da injustiça que sofria, lutava contra isso. (FARIA & FERNANDES, 2007, p. 6) O assunto das lutas, da negritude e dos quilombos, no entanto, foi deixado um pouco de lado. (HAMBÚRGER apud FARIA & FERNANDES, 2007, p. 6)

Há cerca de dez anos, a Rede Globo iniciou uma série de ‘preparativos’ para inserir o primeiro apresentador negro na bancada do Jornal Nacional, o principal telejornal do país quando consideramos que é assistido diariamente por cerca de 40 milhões de pessoas. Em 23 de novembro de 2002, o até então repórter Heraldo Pereira apareceu lendo as principais manchetes do dia. Mas antes disso, a emissora intensificou a presença de Heraldo em programas exibidos durante a semana anterior.

Em 2004, entrou no ar na Rede Globo a telenovela “Da cor do Pecado”. A personagem principal era negra, se chamava Preta e foi interpretada por Taís Araújo. Dennis de Oliveira e Maria Ângela Pavan afirmam que o fato de a maior emissora do país colocar uma atriz negra como heroína e protagonista de uma novela é a primeira vitória do movimento negro na luta para conquistar espaço na mídia. Em reportagem publicada na revista RAÇA em abril daquele ano, comemora-se o maior espaço que o negro conquistou na mídia, e afirma-se que isso se deve ao fato de que os veículos perceberam que são potenciais consumidores. (OLIVEIRA; PAVAN, 2004, p. 2-3)



Em 2006, ia ao ar no horário das sete a novela “Cobras e lagartos”. Inicialmente, seus quatro protagonistas eram brancos, fato não raro na teledramaturgia brasileira. Ao longo da história, no entanto, Foguinho e Ellen, personagens planejados para serem secundários, respectivamente interpretados por Lázaro Ramos e Taís Araújo, roubaram a cena. Foguinho se tornou, inclusive, parte central do desfecho da trama. Tornou-se rico ao receber uma herança. A novela mostraria como um negro só é aceito pela sociedade quando “embranquece” por meio de ascensão social. Foguinho não consegue se libertar de suas origens humildes, por isso é alvo de deboche e piedade. Ele prejudica seus amigos, mas é capaz de gestos nobres. Segundo o próprio Lázaro Ramos, é um personagem complexo. (FARIA & FERNANDES, 2007, p. 11) Seu personagem acabou com o mito: o de que “o ator negro brasileiro não teria carisma e talento suficientes para encarnar um protagonista”. (COUCEIRO apud FARIA & FERNANDES, 2007, p. 11) Ao contrário de Foguinho, Ellen não contribuiu para desmistificar estereótipos. (FARIA & FERNANDES, 2007, p. 11)

Em 2009, pela primeira vez, uma negra interpretou a famosa Helena, personagem principal de todas as tramas de Manoel Carlos: uma mulher que será feliz no final, mas não sem sofrimento. Também foi vivida por Taís Araújo. A personagem, no entanto, não fez sucesso entre os telespectadores. A discriminação racial não foi pauta. Helena era bem-sucedida financeiramente e apenas em algumas cenas revelou ter sofrido preconceito. Críticos acusaram “Viver a vida” de não retratar a realidade de uma mulher negra no Brasil. Para alguns, a personagem apenas reforçou estereótipos, mostrando-se muitas vezes submissa e sem defesa contra agressões. (ECHEVARIA & SILVA, 2012, p. 7)

Outro problema é a ausência de afrodescendentes nas produções midiáticas. Em virtude desses não estarem inseridos no processo de Educação Superior, a presença de negros nas redações de jornais, agências de publicidade e outros veículos de mídia é inexpressiva. Nas faculdades de comunicação, o tema não é discutido e as pesquisas sobre o assunto ainda são incipientes. Por outro lado, em países como Canadá e EUA a diversidade na mídia é garantida por órgãos de monitoramento, instrumentos legais e fundos de incentivo, como aponta Munanga;

Há um silêncio na universidade. O silêncio faz parte da estratégia. Só pode mudar se a universidade inteira se mobilizar. Quer dizer, a pressão dos alunos negros, brancos da escola pública, os professores



entrarem no debate, os departamentos, as faculdades, os próprios conselhos da universidade. As universidades que entraram nas cotas fizeram isso (COTAS, 2010, p. 60 - 61)

Na publicidade, a situação não é muito diferente. Usando o discurso de que não existem modelos negros qualificados, as agências de publicidade insistem na estética "ariana" em suas produções. Nesse sentido, Araújo afirma que

Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade (ARAÚJO, 2006, p.73).

Outros já consideram que “a propaganda abriu-se para o afrodescendente” (COUCEIRO DE LIMA, 2006, p.58). Para Ilana Strozenberg

Em toda a história da propaganda no Brasil até meados da década de 1980, negros e mestiços só apareciam nos anúncios desempenhando papéis subalternos (...). Hoje, já não é isso que se vê. Modelos negros e mestiços são utilizados para nos vender, a todos, os mais diferentes produtos e serviços: de moda e acessórios esportivos a cartões de crédito e eletrodomésticos; sendo que a diferença de cor aparece, agora, como uma característica positiva (STROZENBERG, 2005, p.200-201).

O Datafolha também apontou em sua pesquisa de 2008 que quase a metade dos brasileiros (47%) discorda totalmente de que “filmes, propagandas e novelas deveriam ter um percentual mínimo de negros”. Em sentido contrário, 40% concordam, taxa que passa para 46% entre as mulheres negras, os mesmos 40% entre os negros menos escolarizados e 55% entre os que têm renda familiar entre dez e vinte salários mínimos. Essa mesma abordagem apontou que 48% são contra a restrição dos negros na mídia principalmente os que fizeram o ensino médio ou superior e 53% entre os que recebem mais de vinte salários mínimos.

Atualmente, a Rede Globo é a emissora brasileira que concentra o maior número de repórteres negros. Antes o setor só tinha a presença da pioneira Gloria Maria, hoje apresentadora do programa Fantástico. Depois veio Zileide Silva e outros numa diversidade étnica na televisão. Destaca-se também a contratação de repórteres negros



para matérias de política e não para as áreas de Esportivas, Entretenimento ou Comportamento.

A pequena parcela de profissionais negros na mídia não é uma característica só do meio televisivo. Dados da Comissão de Jornalistas pela Igualdade (Cojira), do Sindicato dos Jornalistas, mostram que a taxa de desemprego entre negros, em São Paulo, é 40% maior do que entre brancos, o que pode se refletir também no caso do desemprego entre os jornalistas negros. Outra pesquisa, agora do Ibre (Instituto Brasileiro de Economia)/FGV (Fundação Getulio Vargas) de novembro de 2011, mostra que quantidade de negros no mercado de trabalho é proporcional à taxa de desemprego da cidade. Segundo a pesquisa, enquanto a taxa de desemprego em Salvador chegava a 14,2%, em Porto Alegre o desemprego era 6,8%. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad) de 2009, citada no trabalho, na Bahia 30% da população são formados por negros e 53% por pardos. No Rio Grande do Sul, os brancos são 80%, 7% são negros e 10,8% pardos.

Cotas raciais segundo a mídia

Importantes grupos de mídia como as Organizações Globo, o Grupo Folha, o Grupo Estado, a Editora Abril e partidos políticos de direita e oposição, foram contra a decisão da adoção de cotas valendo-se da teoria de que ao levar estudantes de escolas públicas para as universidades isso faria baixar o nível acadêmico delas. Mas o argumento não tem encontrado apoio em dados empíricos sobre o rendimento no curso de cotistas em várias universidades, como nos obtidos para a Universidade do Estado da Bahia. Na Uneb, as médias de rendimento dos alunos que haviam concorrido pela reserva de vagas para negros, em uma amostra de 11 departamentos, geralmente se situavam apenas alguns décimos de pontos abaixo das obtidas pelos demais estudantes; em dois departamentos foram superiores, também por alguns décimos, às dos outros alunos (MATTOS, 2006). Noutra universidade do mesmo estado, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), os estudantes que ingressaram pelas cotas tiveram rendimento igual ou superior ao dos demais alunos em 61% dos 18 cursos mais valorizados (QUEIROZ, 2006).

Pesquisas realizadas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) entre os anos de 2001 e 2009 apontam que o Jornal O Globo foi um dos jornais que mais publicaram notícias sobre as políticas de cotas, sendo que do total dos



textos 46% eram nitidamente contra e apenas 24% a favor. O mesmo estudo aponta que a Revista Veja teve 100% de matérias contrárias às políticas de inclusão. A Revista é o único meio de comunicação do país sócio do Grupo Naspers, conglomerado de mídia que apoiou o regime do *Apartheid* na África do Sul, que em 2008 passou a ser proprietário de 30% das ações do Grupo Abril. O Grupo Naspers publica mais de 30 revistas e 25 jornais, dos quais o maior é o "Dayly Sun", na África do Sul. Atua em 50 países e tem negócios de Internet, TV paga e editora de livros. Foi uma das principais bases de sustentação do *Apartheid*. No mesmo caminho de Veja, estão os jornais Folha de S. Paulo e Estadão, que argumentam que a ação cotista fracassou em outros países, e que a solução para a desigualdade não está no ensino superior, mas sim no ensino básico de qualidade para todos.

Em matéria publicada no site da revista Veja em 30 de setembro, famílias contam como seus filhos estão tendo ou terão dificuldades para conseguir uma vaga da universidade federal por causa da lei que prevê que metades dessas vagas sejam destinadas a alunos vindos de colégios públicos. Isso ajuda a provar a ideia de que a mídia brasileira é, essencialmente, formada por brancos e também que dá voz, essencialmente, às pessoas pertencentes à classe média e à média alta.

Para José Jorge de Carvalho, as medidas pró-cotas adotadas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e pela Universidade Estadual do Norte Fluminense no vestibular de 2002 significam que as duas já não estão mais sujeitas somente ao “regime do cursinho” (CARVALHO, 2001).

Mídias de cunho conservador, como O Estado de S. Paulo, tendem a dar crivos no que é ou não publicado. Isso interfere na aceitação popular das políticas afirmativas. Na matéria virtual do Estadão sobre a aprovação das cotas nas universidades federais, o espaço de comentários foi muito utilizado – e na grande maioria, como já citado acima, para se posicionar contra as políticas – e não houve regulação da mídia. Um dos leitores que comentou afirmou uma curiosidade pouco notada. “Quando interessa ao Estadão, abre-se para comentários. Quando interessa ao público, fecham-se os comentários. Resumindo: nessa matéria o jornal é contra as cotas e ai deixa os racistas soltos para comentar a vontade.... Essa é a mídia livre que temos!!”, defende. Outro leitor faz comentários com o mesmo teor: “o Estadão jamais poderia perder a oportunidade de abrir espaço a seus leitores racistas expressarem suas opiniões. O jornal adoraria dizer o mesmo, mas é covarde demais...ai usa seus leitores....q tristeza.”



Segundo Barbosa (2011), as políticas públicas entram em tensão na sociedade por conta da maneira que o tema é abordado pela mídia.

A proposição de políticas públicas feitas pelo governo vem provocando um deslocamento dos modelos hegemônicos. As ações afirmativas e as cotas chegaram como um novo fator de tensão e confrontam conceitos como o mito da democracia racial, racismo e miscigenação. O debate retira o tema do anonimato e envolve a sociedade. O que causa tensão é a maneira como a mídia aborda o assunto, por meio de um discurso carregado de ideologia que, conforme Marx tem a função de fazer com que o homem não se reconheça como sujeito. (BARBOSA, 2011, p.9)

Cotas na mídia impressa bauruense

A cidade de Bauru, SP, conta com dois veículos impressos: o Jornal da Cidade (<http://www.jcnet.com.br/>) e Jornal Bom Dia (<http://www.redebomdia.com.br/>). Para analisar a visão que cada um dos jornais apresenta e passa para seus leitores, analisamos o conteúdo digital dos dois veículos. Nos portais de notícias, procuramos pelas palavras “cotas” e “universidades” para encontrar reportagens, editoriais e comentários sobre a temática, com preferência às publicadas próximo à aprovação da Lei de Cotas.

A temática das ações afirmativas, principalmente cotas, entrou em pauta nas mídias nos últimos anos. A mídia, como sabemos, tem influência sobre o que é o pensado pela sociedade, devido seu papel de informar. No entanto, é histórico o perfil das empresas de comunicação terem suas posições e usá-las no exercício da informação. O Brasil “caracteriza-se por ser um espaço apossado por impérios fortemente influentes que mesclam formas tradicionais populistas de conquista de lealdade a novas estratégias de manipulação das preferências das massas” (COSTA, 1997, web). Através de grandes alianças e poucas famílias no governo dos meios de comunicação, o que é divulgado fica à mercê do editorial destas poucas empresas. Em Bauru, o tradicionalismo se repete. O Jornal da Cidade foi fundado em 1967 e desde então é tido como o principal jornal de Bauru. O Jornal Bom Dia tem ligações com a TV Tem, filiada da Rede Globo. Assim sendo, torna-se interessante a pesquisa sobre o que é emitido pela mídia bauruense, visto que são jornais de grande circulação, vendidos para toda a mesorregião de Bauru, principal cidade do centro-oeste paulista.

No caso do Jornal Bom Dia, apenas cinco resultados foram encontrados. Das reportagens, somente duas foram elaboradas pela redação do jornal, que possui diversas



praças espalhadas pelo Estado de S. Paulo. A primeira, publicada no dia 23 de abril de 2012, revela a polêmica da reserva de 20% das vagas para negros na UnB. A matéria jornalística consiste no relato da aprovação das cotas pelo supremo. O único depoimento negativo às cotas foi feito por Gilmar Mendes. A palavra “pondera” após a fala do entrevistado confere um tom de que o entrevistado está vendo os dois lados da polêmica. Mesmo assim, os argumentos de todos os entrevistados são colocados à tona, dando um parecer neutro à matéria. Já a segunda publicação, que na verdade é um editorial, deixa nas entrelinhas suas reais posições quanto às políticas de cotas. Com o título “As cotas e o preconceito velado”, o artigo de 8 de março de 2012 inicia-se com argumentos como “essa é sem dúvida uma decisão polêmica”. No segundo parágrafo, o veículo defende que o STF utiliza do mesmo conceito de leis diferenciadas para mulheres, crianças, idosos e portadores de deficiência, colocando ainda indígenas nesse lado, dando a entender que sim, os indígenas precisam de cotas, mas os negros não. No terceiro parágrafo, o posicionamento do veículo fica à mostra ao defender que “há ainda a perspectiva emocional da questão e não podemos esquecer dos estudantes que não se encaixam nas cotas e que podem se sentir prejudicados pelo sistema”.

O veículo ainda defende que “o trabalho das pessoas negras escravizadas não trouxe dividendos apenas aos senhores de engenho, mercadores e outros que os exploravam. Proporcionou benefícios a todos e ajudou a construir um país com uma rapidez”. Fala-se ainda que os ganhos da escravidão foram divididos a toda a nação, enfatizando que todos tiveram direito à herança. No fim, pede-se o debate aberto e “à luz de questões jurídicas, econômicas e sociais”. O jornal ainda aparenta defender que os apoiadores das cotas possuem argumentos “preconceituosos, descendo aos níveis da ignorância e truculência, retirando o peso humanísticos que a discussão reivindica”. As outras três matérias foram retiradas da Agência Brasil e Diário SP.

No Jornal da Cidade, a busca com as mesmas palavras no site geraram 79 resultados desde 2007, dos quais 43 correspondem ao tema ou tratam dele. Das 43 páginas, 23 eram do próprio jornal. O restante era composto por conteúdos de agências, como Agência Estado, Agência Brasil, FolhaPress etc. Das 23 páginas, 14 eram de opinião, tanto de seus jornalistas quanto dos leitores do jornal. As notícias – de agência ou não – em geral foram neutras. As de agência foram todas neutras – na medida do possível. Duas matérias de agência, ambas da Folhapress continha conteúdo contrário às cotas raciais. A primeira expunha apenas o lado da classe média e branca que são



contrários às cotas. Já a segunda matéria apresenta no final a frase “o STF tem que decidir se quer ou não um país racionalizado”. Das 28 matérias, seis não falavam prioritariamente das cotas, mas citavam o tema.

Quanto aos artigos de opinião e editorial, nenhum foi claramente a favor. As opiniões são de que as cotas não são soluções, apenas medidas paliativas. Muitos foram escritos no sentido de ser necessária a adoção de uma educação de qualidade desde o início da formação. O então vereador Roque Ferreira, cuja opinião sobre o tema destaca-se por ser negro, posiciona-se fortemente contra as cotas em seus textos publicados pelo jornal. Outro leitor, Pedro Valentim, argumenta no texto publicado no dia 01 de março de 2012, que apenas agora, que a lei interfere na educação dos brancos da classe média, é que se debata tais questões. A provocação do leitor, único que defendeu as cotas em dois artigos de opinião, deixa claro que o tema gera incômodo aos não cotistas:

Quando os afrodescendentes eram pedreiros, jardineiros, bedéis, seguranças e faxineiros dentro das faculdades e universidades a “ordem social” estava mantida e ninguém questionava o Princípio da Isonomia ou da igualdade. Por que só agora? (VALENTIM, 2012)

Dos dois principais veículos impressos de Bauru, o Bom Dia destaca-se como o mais contrário às cotas, tanto pelo número muito inferior de vezes em que o tema é abordado, quanto pelo conteúdo das matérias. Já o Jornal da Cidade, aborda o tema ora favoravelmente, ora de maneira neutra ou contrária, ainda que pelas notícias de agências.

Considerações finais

O que é veiculado na mídia tem papel importante na formação de pensamentos e comportamentos dos consumidores da informação. (ASSIS, GONTIJO, CORRÊA & BITTENCOURT apud ACEVEDO E NOHARA, 2008, p. 123) Mesmo que os indivíduos interpretem as mensagens de acordo com suas concepções e histórico de vida, o papel muitas vezes manipulador da mídia é decisivo na formação de conceitos.

De acordo com Maria Aparecida Silva Bento, uma pessoa branca não acha estranho, em uma banca de jornal, que a maioria das revistas tragam em suas capas e em



seu interior pessoas brancas. Ao se deparar, no entanto, com uma revista como “Raça - A revista do negro brasileiro”, ela tem uma reação de racismo às avessas e não entende como pode haver uma publicação exclusivamente voltada para os negros. A autora derruba o argumento de que cotas raciais excluiriam os brancos pobres. A autora afirma que, a cada dez pessoas consideradas pobres, sete são negras. Isso acontece porque essas pessoas são discriminadas por causa da cor de sua pele. (BENTO, 2005)

Pode-se dizer que o Brasil é um país metade negro e metade branco, e muito miscigenado. Sempre se deu incentivo para que os imigrantes europeus viessem para cá. Foi o último país do Ocidente a abolir a escravatura e nunca desenvolveu, de fato, políticas para favorecer a população negra após a abolição. (OLIVEN, 2007, p. 32-33).

Para Éderson José de Lima, as reivindicações dos grupos negros vêm se materializando em conquistas de direitos constitucionais. Segundo o autor, “vêm acompanhadas de um processo de mobilização popular, pois a opinião pública exerce um papel de destaque no aparente processo de democratização das igualdades de oportunidades no país”. (LIMA, 2008, p. 2)

As cotas, no entanto, não poderiam sanar todos os problemas. As desigualdades continuariam a existir, e a educação básica continuaria a ser de má qualidade. Além disso, no Brasil é difícil, graças à miscigenação, determinar quem é branco e quem é negro. (JARABIZA, 2009, p. 2)

Seja como for, a questão das cotas deve ser debatida. Será difícil que todos concordem com uma ou outra posição. É necessário também discutir a forma como o negro é representado na mídia. Como já explicado, ela diz muito sobre a sociedade, mas também pode ser uma geradora de preconceitos.

Referências

ACEVEDO, Cláudia Rosa & NOHARA, Jouliana Jordan. **Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa**. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rac/v12nspe/a06v12ns>. Acesso: 10 de novembro de 2012.

ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amílcar Araujo. A defesa das cotas como estratégia política do movimento negro contemporâneo. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, número 37, janeiro-junho de 2006, p. 143-166.

ARAÚJO, Joel Zito. “Estratégias e políticas de combate à discriminação racial na mídia”. MUNANGA, Kabengele (org). In: **Estratégias e políticas de combate ao racismo**. São Paulo: Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996. p. 243–251.



AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Cota Racial e Estado: abolição do racismo ou direitos de raça? In **Cadernos de Pesquisa**, volume 34, janeiro – abril de 2004, p. 213-239.

BARBOSA, Zilda Martins. **Cotas raciais**: luta pela auto representação na esfera pública. 2010. Artigo escrito para o VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branquitude e poder** - A questão das cotas para negros. 2005. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000100005&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso: 12 de novembro de 2012.

_____. Intelectual, mídia e negro: negação histórica das tensões sociais. 2011. In: **Revista Interin**, do programa de Pós-Graduação em Comunicações e Linguagens. Disponível em <http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/59>. Acesso: 15 de outubro de 2012.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar, 2005.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria**: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos. Dissertação de mestrado. Goiânia: IESA/UFG, 2010.

Costa, Sergio. 1997. Contextos da construção do espaço público no Brasil. In: *Novos Estudos* n° 47.

COTAS segundo Kabengenle Munanga. **Revista Adusp 2010**, São Paulo, p. 61, set. 2010. Disponível em <http://www.adusp.org.br/files/revistas/48/r48a10.pdf>. Acesso em out. 2012

D'ADESKY, J. **Pluralismo Étnico e Multi-Culturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DATAFOLHA, **Opinião pública**, disponível em http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=781, acesso em 7 de out. 2012

DE CARVALHO, José Jorge. As propostas de cotas para negros e o racismo acadêmico no Brasil. In **Revista Sociedade e Cultura**, volume 4, número 2, julho-dezembro de 2001. Páginas 13-30. Universidade Federal de Goiás.

ECHEVARIA, Felipe Rodrigues & SILVA, Veronice Mastella. **De coadjuvantes a protagonistas**: a representação da população negra na teledramaturgia nacional. 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1652-1.pdf>. Acesso: 12 de novembro de 2012.



ENTREVISTA de Otávio Ianni: o preconceito racial no Brasil. **USP Estudos Avançados, Dossiê o negro no Brasil**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 6-20, jan./abr. 2004.

FARIA, Maria Cristina de Brandão & FERNANDES, Danubia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira**. 2007. Disponível em <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/178/179>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

FERES JUNIOR, João e ZONINZEIN, Jonas. **Ação afirmativa no ensino superior brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FLUDE; MICHAEL; AHIER. **Educability, schools and ideology**. London: Croom Helm, 1974.

BETIM, Joelmir. **Desempro tem cor**. 2011. Disponível em <http://www.joelmirbeting.com.br/noticias.aspx?IDgNews=9&IdNews=36327>. Acesso em 7 de out. 2012

JARABIZA, Vander. **O mascaramento da exclusão**: discussões acerca dos programas de cotas para negros em universidades brasileiras. 2009.

LIMA, Éderson José de. **Ações afirmativas e a política de cotas**: entre o mérito e o preconceito. 2008. Disponível em <http://www.ieps.org.br/ederson.pdf>. Acesso: 12 de novembro de 2012.

MOEHLECKE, Sabrina. **Propostas de Ações Afirmativas no Brasil**: o acesso da população negra ao ensino superior. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20072003-172034/>. Acesso em 30 out. 2012.

MONSTROS TRISTONHOS. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em <http://arquivoetc.blogspot.com/2009/05/demetrio-magnoli-monstros-tristonhos.html>. Acesso em 05 de nov. 2012

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

OBSERVATÓRIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO. Entrevista com Paulo Rogério Nunes. “A mídia é um dos principais reprodutores da lógica racista”, disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=5839. Acesso em 14 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, Dennis de & Pavan, Maria Ângela. **Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da cor do pecado”**. 2004. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/136195056859323442706365996831733950548.pdf>. Acesso: 12 d novembro de 2012.



OLIVEIRA, Luiz Roberto Cardoso de. Racismo, direitos e cidadania. In: **USP Estudos Avançados, Dossiê o negro no Brasil**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 81-93, jan./abr. 2004.

OLIVEN, Arabela Campos. **Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades**: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/539/375>. Acesso em 10 de nov. de 2012.

PIOVESAN, Flávia. **Ações Afirmativas da perspectiva dos direitos humanos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n124/a0435124.pdf>. Acesso em 09 de nov. 2012

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, J. T. Sistema de cotas e desempenho de estudantes nos cursos da UFBA. In: BRANDÃO, A. A. (org.). **Cotas raciais no Brasil**: a primeira avaliação. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p.115-135.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje – Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. In **Folha de Paulo**.

SODRÉ, M. Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

VALENTIN, Pedro. Artigo de opinião: Cotas e hipocrisia. Disponível em http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=222803. Acesso em 10 de nov. de 2012.